



JULIA CAMIM

Arte na retomada

A ARTE PURI E SUA RELAÇÃO COM O
PROCESSO DE RETOMADA INDÍGENA

Livro Reportagem desenvolvido para a disciplina de Narrativas Jornalísticas III do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa.

Prof.: Ernane Rabelo

Autora: Julia Camim

Capa: “A Cura” de Brenda Puri

Para Brenda, Mayumi e Helena
que confiaram em mim.

E para Carla.

Que minhas palavras sejam gentis como vocês.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	5
PURI	6
CANTO SAGRADO	8
IDENTIDADE POLÍTICA	14

PREFÁCIO

Este livro é uma tentativa de honrar histórias que essa jovem jornalista ouviu de duas indígenas. Essas duas mulheres que confiaram em mim são Puri, artistas e estão em retomada, três constantes que vão te acompanhar nessa leitura.

Mas antes de tudo, vou te contar de forma breve de onde surgiu a ideia de escrever sobre esse tema. Eu sempre tive as questões de gênero como centrais em meus estudos e, apesar dos inúmeros desafios e dores, me sentia confortável ao estar num espaço conhecido. Afinal, estudar sobre aquilo que me afeta diariamente é algo relativamente fácil de encarar. No entanto, decidi me dispor a lidar com as inquietações que me atingem desde que comecei a ter mais envolvimento com outras lutas, seja por causa do Movimento Estudantil ou pelo fato de algumas violências ficarem ainda mais escancaradas durante a pandemia de covid-19.

Desde que a causa indígena se tornou mais latente em minha vida, comecei a buscar compreender os acontecimentos e a realidade dos povos originários do Brasil para além do que se aprende nos livros de História. Ter tido a honra de trabalhar com os Paiter Suruí, indígenas de Rondônia, me fez abrir ainda mais os olhos para essas questões e decidi que encarar meus privilégios de mulher branca, estudante de uma universidade pública, e utilizá-los de forma ativa, seria uma boa ideia.

Antes de bater o martelo e dizer para mim mesma que esse seria o assunto dessa grande reportagem, conversei com Carla, uma amiga, Puri, sobre as dúvidas e aflições que isso me trazia. Lembro de dizer que não sabia como fazer isso porque não é o meu lugar de fala. Lembro também que ela me disse que a ideia reducionista de lugar de fala coloca as pessoas não racializadas em uma posição de conforto de não precisarem estudar ou saber sobre tais assuntos. Carla me empurrou e esse livro é a minha ida.

Assim, te convido a viver esse desconforto comigo. E se hoje eu posso garantir algo, é que vale a caminhada.

CAPÍTULO 1

PURI

“O meu povo é um povo muito guerreiro, sabe?” É assim que Mayumi descreve os Puri. Um povo que faz e é arte, objeto motivador desta jornalista que, apaixonada por arte, mergulhou para encontrar os porquês, como e quem a faz. Um povo que me proporcionou encontrar duas histórias. Duas vivências de duas mulheres poderosíssimas, fortes, gentis. Um povo que lutou, que foi forçado a se esconder, que resistiu, que hoje se redescobre. Um povo que retoma.

As histórias que me proponho a honrar aqui falam sobre a Arte do Povo Puri, mas falam, acima de tudo, sobre aquilo que eles têm em seu interior e é ancestral. Sim, Mayumi, agora eu sei sim e espero que você, leitor, ao fim desta leitura, também o saiba.

O povo puri é originário dos quatro estados do sudeste: São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. O território original desse povo provavelmente ocupava o Vale do Paraíba, a bacia hidrográfica do Rio Paraíba do Sul, a bacia do Rio Doce e a região do Rio Manhuaçu.

Historicamente, o povo Puri é múltiplo, composto por vários subgrupos, e marcado pela diversidade regional. Pela localização, tiveram fortes embates com os colonizadores, assim como outros povos dessa região, e acabaram sendo os primeiros a enfrentar as violências coloniais. As e os Puri foram expostas a enfermidades, escravizadas, catequizadas, estupradas, mortas. Suas terras foram tomadas, a língua silenciada e a cultura adormecida. Séculos depois do genocídio promovido pelos europeus, os conflitos continuaram. Vieram as épocas de extração de ouro das minas gerais e do café. As matas foram derrubadas e as terras cada vez mais invadidas, tomadas. A miscigenação, romantizada no nosso país, se deu muitas vezes por meio de estupros e de casamentos forçados. Em alguns casos, se deu também pela união entre indígenas e o povo preto, já que ambos viveram contextos parecidos.

O fato de terem sido forçados a viver em meio urbano para continuarem existindo, tirou deles uma forte característica que é o convívio em aldeias e a aculturação, empobrecimento e migração forçada fez com que eles fossem tidos como extintos. No entanto, o povo Puri existe e está em retomada.

Esse processo, chamado de etnogenese, faz com que os dados do IBGE mostrem que há um número crescente de indígenas no país. Isso, no entanto, não quer dizer que o número de indígenas aumentou demograficamente, mas a autodeclaração sim, o que revela o

ressurgimento de etnias consideradas extintas. Os Puri, como dito antes, estão vivendo esse processo e agora passam a se reconhecer como grupo étnico distinto e têm o poder de reivindicar seus direitos.

A retomada busca o resgate da língua, dos costumes, da ancestralidade e da cultura no geral. E, busca também, a ocupação de espaços, principalmente aqueles que são originalmente seus. E Minas é território Puri

CAPÍTULO 2

CANTO SAGRADO

Mayumi “arreda” o banco em que está sentada para poder tocar. Suas mãos, firmes, tocam seu tambor de modo a criar uma constância que me faz mergulhar na música, enquanto a garganta arranha, se preparando para o canto. Quando começa, ela fecha seus olhos e sua voz toma conta de tudo. A letra, uma das mais bonitas que já ouvi. A voz, mágica, potente como a água corrente de uma cachoeira que acalma e ao mesmo tempo flui com força, levando o que não está preso.

Ela conta que gosta muito de estar na natureza, de se conectar e, aliás, foi essa relação que desencadeou o início de tudo. O início de sua retomada e de seu entendimento como Puri. Desde criança, com doze ou treze anos, ela já sentia uma força dentro de si que a fazia questionar. Não conseguia entender as imposições. Para ela, nada era dado, tudo podia ser visto de uma forma crítica. Principalmente aquilo que não se fazia natural dentro de seu ser espiritual, o que viera de fora, de um outro lugar, de longe de suas raízes.

- Eu via o cristianismo, que veio com os colonizadores, de uma forma muito crítica, o que não era tão comum pra uma pessoa da minha idade, sabe? E ele me era imposto e eu ficava desacreditada, me vinha esse sentimento muito forte.

E esse sentimento, que só cresceu, sempre esteve com ela. Seu povo passou por muitos embates, muitas lutas por terras e até pela sobrevivência. Isso não é algo que se cala, apesar do apagamento. Esse ataque sofrido de tantas maneiras e por tanto tempo não ficou no passado e a geração de Mayumi, apesar de estar recuperando os símbolos Puri e a própria identidade, ainda sofre muito com a violência colonial. Apesar de só encontrar as respostas mais tarde, hoje ela compreende de onde vinha o que já na infância reverberava dentro de si.

- O meu povo é um povo muito guerreiro. A gente vem atravessando conflitos há gerações, até a minha, por exemplo. Tanto tempo depois do início da colonização e eu ainda carrego esse sentimento de dever, de honrar o meu povo que está aí nessa luta.

No entanto, Mayumi cresceu vendo a família valorizar e ter orgulho de outra nação, de outra cultura, e achava que seu lugar era outro. Seu nome foi herdado do Japão, assim como sua crença na descendência japonesa que era contestada por todos ao seu redor que não fossem da família. Até ter idade o suficiente para se descobrir indígena, a origem de Mayumi era essa.

- Meu nome é japonês porque o meu avô é japonês. Só que eu sempre achei que a minha avó também era japonesa, mas na verdade, a minha avó é indígena. Só que ninguém me falava sobre isso.

Sua mãe morou no Japão por muitos anos, desde a adolescência. Por isso fazia sentido Mayumi defender que, apesar de ser “morena” demais, ela era descendente de japonês. Apesar do nome, ela sofria bullying na escola por conta de seus traços e sua pele e até sua mãe era alvo de contestação.

- Falavam que eu era chinesinha torradinha. E minha mãe, por exemplo, é bem morena também. Então eu pensava “mas é porque minha mãe agora está morando no Brasil, aqui tem mais sol, mas quando ela morava no Japão, ela era branca”. Eu falava dessa forma justificando.

Mesmo não lembrando muito bem o que aconteceu, talvez por conta do passar do tempo ou mesmo porque algumas coisas não se explicam, ela conta que um dia, estudando, depois de ler um livro ela sentiu algo diferente. Um chamado espiritual. E aí veio a necessidade de conversar com a avó, com quem tinha muito em comum, como a conexão profunda com a natureza. E foi nessa conversa que Mayumi se descobriu Puri.

- Começou assim, falando sobre essa nossa relação com a natureza e aí em algum momento eu perguntei e a minha vó falou que era indígena. Eu fiquei “como assim? Eu achei que você era japonesa”. Aí ela falou que era Puri, mas nunca aprofundou nesse assunto.

Sua avó sabia muito pouco sobre sua origem também. Tudo era muito escondido, a fim de evitar o preconceito e a perseguição. Se Mayumi já sofria na escola mesmo sem revelar que era indígena, se as pessoas soubessem poderia ser ainda pior. Mas a partir desse momento, as coisas começaram a fazer sentido. A sua conexão com a natureza, a rebeldia em relação às imposições e até mesmo uma proximidade com os povos indígenas que antes não se entendia.

- Foi até uma questão que envolveu também o espiritual, essa minha retomada. Porque conforme foi passando o tempo eu fui percebendo as conexões.

Conforme ela foi estudando sobre si mesma, aprendendo sobre sua cultura, que foi obrigada a ser esquecida, ela sentia cada vez mais um envolvimento espiritual. A retomada se mostrou um pacto com sua ancestralidade. Um acordo para não deixar seu povo acabar.

- Isso tem um peso muito grande. Não digo peso no sentido de ruim. Mas peso no sentido de que eu vejo isso como uma coisa realmente muito sagrada.

Mayumi conta com leveza e com um sorriso no rosto seu processo de retomar. Retomar a cultura, o contato com quem se identifica, a arte, a ancestralidade que sempre foi pulsante em

sua vida. Ela assumiu essa responsabilidade de levar adiante a história de seu povo e conforme foi deixando uma coisa puxar a outra, o processo se tornou cada vez mais fluido e mais completo. Nesse meio tempo, porque diga-se de passagem, não foi algo rápido, ela foi trazendo a arte para perto de si, descobrindo ainda mais relações com os povos indígenas.

- Na minha visão a conexão com a arte vem da natureza. Essa conexão de ver o mundo de uma outra forma, porque o mundo que a gente vê é a natureza.

E vendo, ela vai criando essa visão da arte. Vendo os processos, a forma como a natureza vai mudando, vai crescendo, vai se transformando de acordo com o que está em volta dela no ambiente. Mayumi tem um olhar muito poderoso e enxerga tudo isso de forma profunda e sagrada. Ela me conta e me explica sobre seus grafismos e sobre rituais. Me conta, com muito orgulho, sobre os seres encantados e as similaridades com outros povos.

- Eu penso que a nossa cosmovisão e a nossa arte também tem muito a ver com os povos da Amazônia. Eu sinto que a arte é uma conexão espiritual, sabe? E também está junto da natureza, porque a natureza é espiritual. Então a arte vem através de uma coisa muito maior e que é um só, porque ela se mostra de diferentes formas de acordo com o lugar onde esse povo está inserido.

Sua proximidade com povos tradicionais da Região Norte do país também foi essencial para descobrir ainda mais aspectos da cultura Puri e dessa união, esse “um só” dos povos indígenas. Apesar das diferenças, a amizade com os Huni Kuin se mostrou um laço muito poderoso e importante em sua vida. Ela conta que eles tiveram menos tempo de combate e contato com os colonizadores, o que proporcionou uma preservação maior de sua cultura. Esse povo perdeu cerca de 30% do seu idioma, o que, ainda sendo muita coisa, significa que ele permaneceu vivo, guardado, assim como suas terras, hoje demarcadas. O aldeamento, talvez a principal característica que não é compartilhada com os Puri, também manteve viva a identidade Huni Kuin. Mesmo com tanta distância, geográfica e histórica, culturalmente ela sente uma partilha de símbolos e de espiritualidade muito intensa com seus amigos do Acre.

- São histórias diferentes, mas que se unem num mesmo propósito.

O objetivo de não só manter vivas as crenças Puri, mas de resgatar as que foram perdidas, se tornou mais natural quando ela percebeu as conexões entre natureza, arte e os seres encantados.

- Tem a Xamum, que é a cobra, Tem Nawera, que é o ser das matas, tem muitos encantados. E eles trazem essa conexão com a natureza e também com a arte.

Das muitas tradições dos povos originários, uma delas é a dos grafismos. O pintar o corpo é um ato comum e que traz para a pele tanto a natureza quanto a religiosidade. A Xamum, por

exemplo, geralmente é feita no braço esquerdo da mulher. Há também o peixe, a onça, animais brasileiros que na cultura e espiritualidade indígena carregam histórias de seu povo e força. Para os Huni Kuin, também é assim. As similaridades se mostram nos grafismos, apesar de os seres terem nomes diferentes. A visão, no entanto, e o poder de cada um é muito parecido, as mudanças se dão por conta de um contexto territorial, mas a essência é comum.

- A nossa expressão artística está ligada ao mundo espiritual. Para mim é uma coisa muito, muito, muito sagrada mesmo, com a qual eu me conecto muito, porque eu me conecto muito com a arte. A expressão artística do nosso povo é sagrada porque está conectada com as coisas que eu considero as mais sagradas que existem.

Em viagens, Mayumi conheceu muitos lugares bonitos. Cachoeiras e matas que foram carregando cada vez mais significados. Ela se encontra na natureza. E a natureza a entrega arte. Durante o processo de retomada, ela foi percebendo como e o que a tocava. Nesse processo, também, começou a escrever sobre suas emoções.

- Eu sempre fui de escrever muito, comecei assim, aí depois comecei a escrever poesia, que é o que eu amo. Então eu trazia primeiro as emoções que eu sentia conforme eu ia me conectando com a espiritualidade junto às minhas ancestrais e isso foi muito importante pra mim, porque a gente vai tomando consciência do quão grande é isso.

Assim ela foi trazendo suas vivências para a escrita e até mesmo para a pintura, até que chegou a música. Aos pouquinhos, ela foi percebendo que a arte não era simples e puramente um fazer artístico, mas também uma comunicação espiritual. O contato com sua ancestralidade ficou mais forte e foi com a música, sua poesia ritmada, que ela começou a perceber as mensagens espirituais. Hoje, Mayumi sente a música como uma forma de canalização.

- Muitas coisas que eu escrevo numa música eu nem sei o que é. Aí conforme o tempo passa, às vezes são até meses, chega um dia que eu sinto que eu entendi o que eu escrevi no passado e faz total sentido, entendeu?! Pra mim isso é muito sagrado e eu consegui ser um canal pra isso.

De forma divina, Mayumi canta e, cantando, reza. O canto traz para ela essa conexão com sua origem e com o sagrado de seu povo. Sozinha, no seu momento de entrega, de resgate e conexão, ela canta. Na natureza, com seus “parentes”, ela canta. Nas cerimônias e nos rituais, ela canta. Sua voz abençoa os que escutam e a si mesma. Ela conta que também gosta muito de participar dos rituais de Ayahuasca, medicina utilizada pelos Huni Kuin, e rezando com eles, o canto também a acompanha.

Os desenhos e pinturas que produz, ela sente de uma forma diferente. É uma expressão maior de seus próprios sentimentos, algo que ela mesma consegue transcrever de forma artística, que ajuda no entendimento de suas emoções. Já a escrita da poesia, a música, ambas conectadas, é uma comunicação com o mundo espiritual, é sua medicina, uma cura que vem de fora. E Mayumi presenteia seu povo e presenteou a mim também. E como essa história diz muito sobre ser um só, compartilho com você esse presente.

Seu canto sagrado, você pode imaginar com a mais suave voz, que preenche o ambiente, se reverberando em ondas por cada partícula de ar, criando uma atmosfera que sente-se tomada. Tomada pela música em completa harmonia com o tambor e também por todo o carisma de Mayumi. A firmeza se faz presente em tudo, em sua postura, na letra, no ritmo. E assim, ela faz seu rezo:

Ando no escuro, mas posso ver tudo
Uma força vem e me guia, na mata não me perco
Minha carne é de terra e eu faço parte dela
Minha pele descama quando quero renovar
Sangro com as árvores, é seiva sagrada

Sou serpente, serpente das matas
Sou serpente, serpente das matas
Araiê Xamum araraiê

Sou serpente, serpente das matas
Sou serpente, serpente das matas

Me guio pela lua, na terra eu fico nua
Se me sinto ameaçada, dou bote certo
Minha carne é de terra e eu faço parte dela
Minha pele descama quando quero renovar
Sangro com as árvores, é seiva sagrada

Sou serpente, serpente das matas
Araiê Xamum araraiê

Sou quente como fogo, gelada como as águas
Me movo como o vento e a terra é minha casa
Sou quente como o fogo, gelada como as águas
Me movo como o vento e a terra é minha casa

Araiê Xamum araraiê
Sou serpente, serpente das matas

Araiê Xamum araraiê
Araiê Xamum araraiê

Arrepiada, com os olhos cheios d'água por ter a honra de escutar e ver Mayumi cantando, escuto a história dessa música. Ela foi escrita, mas seu significado apareceu só depois. A história da Xamum, a serpente das matas do Povo Puri, diz que o sangue dos seus ancestrais, que foi derramado na terra, deu origem à cobra. Enterrados embaixo das árvores, o sangue se ligava à natureza, tornando a seiva sagrada.

- Eu escrevi “sangro com as árvores, é seiva sagrada”, mas só muito depois que eu fui entender. O sangue deles realmente está ligado à seiva, a seiva sagrada.

E o canto de Mayumi só pode mesmo ser sagrado. Uma mulher que se descobriu antes mesmo de saber suas origens. Que anda nas matas e nada nas águas e tem como mais precioso aquilo que hoje entende. Sua conexão, sua voz, suas e seus ancestrais. Seu povo e o ser Puri.

CAPÍTULO 3

IDENTIDADE POLÍTICA

Ao contrário de Mayumi, Helena sempre soube de sua origem indígena. Mas foi mais velha, por causa das possibilidades presentes e proporcionadas na e pela universidade, que ela começou a ter um entendimento mais concreto sobre ser Puri.

- Não porque o sentido curricular da universidade compreende isso, não por isso, mas pelas oportunidades de conexões, de encontros, de reflexão que a universidade tem para além do currículo. O que acontece fora da sala de aula, mas com os grupos e as pessoas que estão na universidade.

Nesses encontros proporcionados pelos espaços de diálogos e reflexões políticas, Helena passou a ver a importância de compreender os processos históricos que envolvem seu povo, principalmente o apagamento forçado a qual foram submetidos os Puri. Foi então, para dentro das quatro pilastras da Universidade Federal de Viçosa, que ela percebeu a relevância política de se reconhecer e afirmar indígena, não tendo vergonha ou medo disso, o que é comum para muitas e muitos indígenas, como, a esta altura, você leitor já sabe.

- Quando a gente é criança, a gente não vê importância ou não tem a oportunidade de se identificar ou se afirmar como indígena ou da própria etnia, porque são anos de apagamento construídos historicamente pelo estado.

A colonização, responsável por iniciar todo o genocídio e apagamento cultural indígena, também, me conta Helena, criou e manteve até hoje um imaginário social de como são os povos originários. Ele reforça como devem ser as pessoas indígenas e quais critérios elas precisam preencher para terem legitimidade identitária no Brasil. Por isso, entender a identidade Puri é uma questão política que carrega o entendimento desses processos promovidos pelo estado.

- Esse tipo de identidade indígena que foi construída pelo Brasil é proposital para que os povos deixem de se afirmar e passem a se afirmar brasileiros. E enfim, esquecer suas histórias e fazer parte de um novo modelo de sociedade, um novo modelo de tudo.

Foi assim, contendo a história de um povo que é milenar, que o desenvolvimento da sociedade passou a se basear naquilo que veio de fora e se postulou como convencional, como correto. A ciência, a literatura, a arte, a medicina, tudo foi sendo encaixado nos padrões

eurocêntricos, desvalorizando os costumes e as práticas originárias, até que os povos se tornassem “extintos”.

- A arte é uma forma da gente se expressar de forma etnicamente própria e de certa forma rejeitar as imposições do que é arte, do que deve ser e do que não pode ser no modelo convencional. Eu acho que ela é, assim como a própria educação indígena, mais uma ferramenta, mais um instrumento de valorização e de fortalecimento identitário. A gente consegue reforçar a nossa identidade por meio da arte, então ela também é uma ferramenta de fortaleza.

Quando a identidade é fortalecida, fortalecem-se as expressões artísticas e as expressões artísticas ajudam a fortalecer o sentimento identitário. É uma mão de via dupla em que esses aspectos se afetam reciprocamente. E afetam também os sujeitos, já que o fazer artístico não é apenas uma produção artística e sim uma verdadeira expressão de quem se é enquanto Puri, enquanto indígena.

Na família de Helena, todo mundo tem essa relação forte com a arte, cada um desempenhando uma função e ao mesmo tempo tendo vários fazeres artísticos diferentes. Ela me conta isso e diz que, na verdade, é assim para os povos indígenas no geral, porque a arte é um elemento intrínseco à cultura. O fazer artístico faz parte do convívio social para os povos indígenas, se coloca como uma questão de condição cultural.

- É muito difícil encontrar algum indígena que não produza arte, porque todos os indígenas de certa maneira, em alguma condição, desenvolvem arte. Para o povo Puri, fazer arte não é uma questão de fazer por fazer. Ela se relaciona com a espiritualidade, com a alimentação, com o trabalho, com o cuidado, a educação e a saúde. A arte está no meio disso tudo e isso tudo está no meio da arte.

Foi a sociedade colonial e suas imposições que postulou a arte como uma profissão ou um fazer de poucos. Para os Puri, não se vê separação entre a arte e os outros aspectos da vida e o que consigo perceber é que ela é, na verdade, um fator essencial para a existência, como se não existisse a possibilidade de existir sem poder produzir arte, porque essa produção está dentro de cada um como algo indispensável e natural. É por isso que os Puri geralmente se manifestam artisticamente em várias áreas, conta Helena.

- Faz parte da nossa forma de expressão, da nossa identidade.

É uma expressão íntima que revela muito do que sentem e do que são. Por isso a arte indígena tem também a característica de dar sentido identitário comum. As produções não são individuais, mas carregam o sentido do povo, o sentido da etnia e além de fortalecerem essas questões, também a colocam como algo honroso, o que valoriza sua história e sua existência.

- É uma expressão muito profunda, muito sincera. As expressões artísticas são mais sinceras do que a própria palavra. Elas vão para além do que a pessoa está demonstrando, o que a pessoa está falando. Elas carregam isso de condição de fortalecimento ou de valorização da própria identidade, valorização de quem nós somos.

E a valorização se faz necessária nesse território que já foi, um dia, Puri. A tomada de forma violenta fez crescer em cima das aldeias, dos cemitérios, rios e matas indígenas, a cidade de Viçosa. Mas foi aqui, nessa cidade e na universidade que ela abriga, que pude participar de um grupo de trabalho em que Helena e outros Puri estavam reunidos para dizer: não, não foi território Puri. Aqui é área indígena. Aqui é terra Puri. E falaram muito dessa terra e também de matas e de como hoje o seu território é o próprio corpo. E é esse corpo que se torna produtor de intervenções artísticas. Esse corpo que demarcou o Porão do Fernando Sabino, espaço dos estudantes, do Movimento Estudantil, como área indígena também, mostrando que, apesar de todo esforço do Estado em embranquecer, empobrecer e matar esses povos, eles não foram extintos como mostram dados oficiais.

E falando em oficiais, foi durante a pandemia de covid-19, em que os povos indígenas foram extremamente negligenciados pelo Governo, principalmente os não aldeados, que Helena participou de uma exposição de arte online. O objetivo era precisamente expressar as reflexões sobre a ancestralidade e a identidade, não só do povo Puri, mas também do povo preto em Viçosa. A produção artística foi usada como uma ferramenta para promover discussões e também revelar aspectos dos elementos de raça e etnia e suas interações com o espaço e a paisagem da cidade.

Helena, que é nascida no Vale do Rio Doce, mora em Viçosa há muito tempo e sente que na cidade há um movimento de reconhecimento das produções indígenas como artísticas, o que de certa forma faz com que elas sejam valorizadas.

- Em algum grau eu acho que a população e os órgãos públicos têm uma preocupação e valorizam as nossas expressões artísticas. Eu acho que as artes que já são produzidas há muito tempo no município estão começando a ser vinculadas ao entendimento de arte indígena.

Além de estudante de geografia e artista, aos vinte e quatro anos Helena participa do Conselho Municipal de Política Cultural de Viçosa, ocupando a cadeira de Manifestações Afro-brasileiras, Indígenas e Diversidade de Gênero. Esse espaço delimita a política de cultura da cidade e é responsável por lembrar a importância das artes pretas, indígenas e de diversidade de gênero.

- Esses sujeitos estão produzindo arte de várias categorias e em várias áreas, mas ainda hoje é necessário que a gente demarque o espaço desses sujeitos, de suas produções e o desenvolvimento dessas políticas.

Hoje, essas cidades, construídas em cima do território Puri, são os espaços em que se organiza a luta política desses povos. Na Zona da Mata Mineira, o Uxo Txori é um movimento indígena de retomada que busca articular o povo Puri, a fim de garantir que sua existência seja visibilizada e respeitada. Helena compõe esse movimento e entende que a luta deve se dar de forma coletiva, porque a retomada não é só o resgate da sua ancestralidade, mas é também uma forma de restaurar a cultura, que é o elo mais importante para manter uma etnia viva.

- Pra gente isso é uma luta conjunta. A retomada enquanto etnia é feita quando a gente fortalece laços culturais em conjunto. O reconhecimento de fazer parte da raça indígena pode ser feito individualmente e é algo legítimo, mas fazer parte de um povo etnicamente requer esse envolvimento com o coletivo, seja num movimento político, já que essa identidade é política por si só, seja porque a família se autorreconhece como Puri e promove a transmissão de seus valores.

Esse sentimento de coletivo, de estar lutando junto, não engloba só os que estão aqui agora. O bem estar é buscado, principalmente, para as gerações futuras. A ancestralidade não diz só daqueles que vieram antes, diz também de si mesmos e do que vão construir para aqueles de seu povo que ainda virão.

- Não é uma preocupação só com a vida da gente. Pensar no bem viver é pensar naqueles que ainda vão vir, até porque no estado em que estamos, a gente vai demorar algumas décadas pra viver do jeito que a gente gostaria de viver agora. Quem vai desfrutar serão as próximas gerações.

E esse jeito com que tanto sonham e que lutam para que se aproxime o quanto antes é viver não nas roças ou nas cidades. É viver longe dessa forma de morar, de se organizar, em casas com divisórias, que agrupam as famílias separadamente, de tudo isso que é advento europeu. A vontade é de fato retomar a mata, o convívio na natureza. Essa vida em espaços que não lhe são naturais é uma forma de violência que comprova que a colonização ainda existe. É a mesma que postulou a arte como algo à parte, um fazer para alguns ou uma profissão.

Helena, que toca, canta e tenta se expressar de diversas maneiras, se entende como artista nesse contexto da cidade construída nesses moldes convencionais, incluída nessa sociedade que exige uma profissão, um fazer que gere renda. Assim, ela pinta e faz ilustrações como trabalho, mas esse seu fazer está com ela desde sempre.

- A gente vai aprendendo a se expressar dessa forma, vendo as outras pessoas mais velhas se expressarem dessa forma também. Nesse tipo de sociedade isso se configura como uma profissão, porque a gente tem dependências econômicas, mas isso é pra mim, uma questão natural, um processo de expressão. É uma necessidade que eu tenho, tanto pra minha própria comunicação e entendimento, quanto pro entendimento das outras pessoas também.

Essa compreensão de si por meio do contato com o ancestral se mostra também pelas letras das músicas. No porão da UFV, foi onde ouvi Helena cantar, com outros Puris, o que posso dizer que entendi ser tanto a origem, quanto o futuro.

De onde vem esse caboclo?

Esse caboclo vem das matas

Vem das cachoeiras

Vem das matas virgens

Esse caboclo vem das matas

De onde vem essa cabocla?

Essa cabocla vem das matas

Vem das cachoeiras

Vem das matas virgens

Essa cabocla vem das matas

Com essa canção, poderia ter iniciado essa última história, que fala sobre os posicionamentos políticos e também os sonhos de Helena.

Com ela também, finalizo, por ora, a caminhada. Reforço agora o que escrevi no início do Capítulo 1: eu agora sei que o povo Puri é um povo guerreiro, e espero que depois de conhecer Helena e Mayumi, você o saiba também.